

A Universidade Federal de Pernambuco congratula-se, pois, com as autoridades e o povo, em reverência ao passado e num ato de fé no futuro do Brasil.

MARCIONILO DE BARROS LINS
Reitor

Palavras de introdução ao Curso

GENERAL EVANDRO DE SOUZA LIMA
Superintendente da SUDENE

A Universidade Federal de Pernambuco concede à SUDENE, o privilégio de instalar o curso "O Nordeste e a Independência", comemorativo da passagem do Sesquicentenário da independência política do Brasil. É uma demonstração a mais da perfeita integração SUDENE-Universidade.

Ao patrocinarmos, com a Universidade Federal de Pernambuco, este Curso Especial, consideramos a importância e o interesse de que se reveste o tema, de palpitante atualidade. O curso visa enfatizar o aspecto regional, em virtude do papel proeminente que os Estados da área de atuação da SUDENE exerceram na preparação e efetivação do Sete de Setembro de 1822. Daí, as conferências de notórias autoridades na matéria, todas prestando relevantes serviços no magistério de diversos Estados da Região.

Sabemos do quanto deve a nacionalidade aos grandes vultos históricos nordestinos. Aqui madrugamos os tempos da brasilidade. Nos Guararapes escreveu-se a primeira grande história da Pátria nascente. Em Olinda e no Recife vicejaram os sentimentos mais profundos da alma brasileira. E, através das décadas, o Nordeste forneceu para toda a Nação e para o mundo exemplos límpidos de ideal e de amor ao Brasil.

Portanto, nada mais justo que relembrar, no presente, a contribuição dos Estados nordestinos à causa da Independência. Durante as conferências que aqui terão lugar, novas faces desses acontecimentos tão lembrados serão expostas e aprofundadas. E com isto todos seremos beneficiados, vez que home-

nageando os nossos maiores, acrescentaremos novos conhecimentos sobre a data cujo Sesquicentenário todo o País celebra com justificado orgulho.

Aos componentes do Curso Especial sobre a Independência, os votos de pleno êxito da SUDENE e da Universidade Federal de Pernambuco.

APRESENTAÇÃO DO ORADOR — O Rio Grande do Norte é um Estado habituado às suas primazias históricas. É pioneiro da aviação com Augusto Severo. Da Escola Doméstica no Brasil, com a de Natal, fundada por Henrique Castriano; e dessa Escola já se escreveu que é o seu maior poema. Do voto feminino, com Juvenal Lamartine e José Augusto Bezerra de Medeiros. Da primeira Sociedade de Folclore fundada no Brasil, também na cidade do Natal, por Luiz da Câmara Cascudo, que, com a sua autoridade, deu curso e cidadania à expressão *estória* como representação da imaginação popular em tudo quanto ela pode criar ou recriar no vasto domínio da literatura oral.

Hoje, o Rio Grande do Norte segue essa inflexível vocação, abrindo com a palavra de Edgar Barbosa, na Universidade Federal de Pernambuco, as comemorações culturais do Sesquicentenário da Independência Nacional. Esta é também uma primazia, este um privilégio que cabe ao meu Estado, e que eu registo com uma vaidade sem pecado e um orgulho sem soberba. Tudo isso, afinal de contas, é o Nordeste como “complexo” cultural. E com uma personalidade histórica que lhe confere incontestável pioneirismo na emancipação política do Brasil.

O mestre Edgar Barbosa vai abrir, hoje, com o seu saber jurídico e histórico, tanto quanto interpretativo e humanístico, esse capítulo sem o qual a Independência não seria tão bela como sonho nem tão generosa como compreensão luso-tropical de uma civilização comum.

Na hora em que a Universidade Federal de Pernambuco, pela sua Comissão do Sesquicentenário, celebra o acontecimento maior da nossa História, um nome como o de Edgar Barbosa é condição de êxito dessas comemorações.

Sempre nos defrontamos — Edgar Barbosa e eu — como dois meninos do Ceará-Mirim que, de repente, pelo sortilégio do tempo, voltam à mesma Escola primária e encontram a mesma professora no seu lírico magistério: — Adele de Oliveira. Ela é hoje um anjo do Senhor; e a sua poesia tem, agora, a transcendência dantesca da suprema visão que os poetas às vezes anunciam. Mas foi o próprio feitiço do tempo — esse “velho alquimista”, como diz Machado de Assis — que me mostrou, no seu realismo mágico, o quanto a distância intelectual que nos separa — Edgar, o mestre, e eu, o aprendiz — é cada vez maior. Pois se outros pontos de referência não houvesse para marcar essa distância, bastaria o estilo, que é nele o requinte da frase, a simplicidade das coisas, a claridade do pensamento na obra de arte. Seu livro *Imagens do Tempo*, publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1966, é uma catedral gótica por onde se escoia a luz do Renascimento com o extraordinário ensaio sobre Leonardo da Vinci, que, em síntese, é a melhor interpretação do gênio a quem o seu século ficou devendo todos os conhecimentos.

Que admiração pode causar isso num perfeito humanista, num escritor de tão boas letras, num espírito tão universal como o de Edgar Barbosa?